

## As charges políticas no jornal Binômio durante a sua fase humorística (1952-1956)

*The political cartoons in the Binômio newspaper during its humoristic phase (1952-1956)*

André Matias Carneiro, Maria Regina Álvares Correia Dias

---

memória gráfica  
brasileira, charge política,  
jornal Binômio

O jornal mineiro Binômio, publicado entre 1952 a 1964, foi marcado por uma personalidade oposicionista durante toda sua trajetória. À vista disso, este artigo versa especificamente sobre imagens assinadas por chargistas colaboradores, veiculadas durante a fase humorística do periódico, compreendida entre 1952 a 1956. O objetivo é resgatar parte da memória gráfica deste jornal, com base em análise do conteúdo caricato e denunciatório de obras produzidas por artistas representativos à época. Por meio de investigações em fontes primárias, pesquisa bibliográfica e entrevista com um dos fundadores, os resultados demonstram que a charge política foi elemento essencial na construção da abordagem crítico-humorística do Binômio naquele período.

*Brazilian graphic memory,  
political cartoons,  
Binômio newspaper*

*The newspaper Binômio, which circulated from 1952 to 1964, was marked by an oppositional personality throughout its trajectory. Thus, this article deals specifically with images signed by collaborating cartoonists, disseminated during the period of humor of the periodical, between 1952 to 1956. The main objective is to recover part of the graphic memory of this newspaper, based on an analysis of the caricature and denunciatory content of works produced by artists at the time. Through investigations in primary sources, bibliographic research and an interview with one of the founders, the results demonstrate that the political cartoon was an essential element in the construction of the Binômio's critical-humoristic approach in that period.*

---

### 1 Introdução

O jornal mineiro Binômio, fundado em 1952, se distingue dos demais periódicos da época devido sua postura crítico-jornalística e cuidado com o planejamento gráfico. De caráter genuinamente oposicionista, utilizou seu humor irreverente na divulgação de denúncias e notícias socialmente responsáveis, sobretudo na sua fase mais ousada, no período de 1952 a 1956.

O Binômio é entendido como um dos precursores da imprensa alternativa brasileira, movimento que ganhou força durante a ditadura militar. Este segmento da imprensa identificou-se por seu combate

político-ideológico ao regime autoritário, por lutas em prol de mudanças estruturais e por críticas ao capitalismo e ao imperialismo (Kucinski, 1991). Na transmissão assertiva dessas mensagens, os impressos alternativos realçaram o uso das imagens, de forma intensa, criativa e em sintonia com a linguagem verbal.

Ao investigar charges políticas divulgadas no Binômio durante sua primeira fase, considerando o conteúdo político-social representado, este artigo aproxima-se do conceito de *memória gráfica*. O termo tem sido utilizado em países de “língua portuguesa e espanhola na América Latina [...] para denominar uma linha de estudos que busca compreender a importância e o valor de artefatos visuais, em particular impressos efêmeros, na criação de um sentido de identidade local” (Farias e Braga, 2018, p. 10). Os estudos nessa área consideram a identificação e análise de peças de comunicação visual ligadas ao universo gráfico em sentido amplo, sem restrição com o projeto de design gráfico; ou seja, ilustrações, fotografias e outros artefatos visuais como as charges são temas válidos para a memória gráfica, que passa a ser vista, portanto, como parte de um campo expandido do design gráfico e, por extensão, do design (Farias e Braga, 2018).

Moraes (2015, p. 12) reforça que, assim como o design, jornais são reflexos das “sociedades nas quais são produzidos, e seu estudo histórico pode revelar dados que colaborem para uma maior compreensão do modo como tais sociedades se constituíram ao longo dos anos”. Nesse sentido, sobre as caricaturas e charges, Lima (1963) afirma que estas são consideradas elementos dos mais importantes para o historiador que pretende apreender “o verdadeiro sentido de certos fatos de difícil compreensão” (Lima, 1963, p. 28). Na visão de Motta (2006), a relevância em se discutir caricaturas e charges reside no fato de que estas mobilizam o humor como estratégia de comunicação e de crítica política. Tal assimilação relaciona-se às proposições de Farias e Braga (2018, p. 23), que entendem o artefato gráfico como “qualquer objeto produzido [...] pelo homem para realizar funções relacionadas à comunicação por meios visuais”.

O presente artigo tem como objetivo o estudo histórico de parte da trajetória do jornal Binômio, fundamentado em estudo das charges políticas publicadas entre 1952 a 1956, bem como pela interpretação dos discursos sociopoliticamente engajados que permeiam as composições. Apresenta-se seleção de charges assinadas por artistas representativos do contexto sociopolítico vigente, interpolada por esclarecimentos acerca do conteúdo das imagens, bem como pela investigação do papel dessas obras na imprensa e mais especificamente no percurso do veículo abordado.

Do ponto de vista metodológico, o estudo contou com uma pesquisa bibliográfica ampla e analítica, com foco nas charges políticas e fase humorística do jornal; pesquisas em fontes primárias na Hemeroteca Pública do Estado de Minas Gerais, bem como entrevista semiestruturada, efetuada no ano de 2019 com o jornalista José Maria Rabêlo, fundador do jornal.

## 2 Charge como elemento gráfico da crítica político-social

A palavra *charge* vem do francês “carga”, de “carga de cavalaria”, e traz o significado de “carregar” (intensificar; exagerar) uma visão negativa a respeito de uma pessoa ou acontecimento. Silva (2008, p. 87) reforça que, ao considerar a expressão artística como crítica a determinado assunto, “a ideia de carga é seguida de uma significação semântica, como se a charge carregasse um fardo [...] de informatividade, opinião, sobretudo crítica social”.

Nesse sentido, Fonseca (1999) aponta que a charge é uma “representação pictórica de caráter burlesco e caricatural. É um cartum em que se satiriza um fato específico, tal como uma ideia, um acontecimento, situação ou pessoa, em geral de caráter político”. Entende-se, portanto, que a charge é tida como uma das formas possíveis da caricatura, juntamente com o “cartum, o desenho de humor, a tira cômica, a história em quadrinhos de humor, o desenho animado e a caricatura propriamente dita, isto é, a caricatura pessoal” (Fonseca, 1999, p. 17).

Motta (2006) menciona que “caricatura” e “charge” são, muitas vezes, expressões utilizadas indistintamente, mas ressalta que nessa área não há definições canônicas. Gawryszewski (2008) concorda que conceitos definidos estão longe de um consenso, e explana que enquanto a caricatura representa pessoas conhecidas do público com base no excesso (o orelhudo, narigudo etc.), sem necessariamente tencionar uma reflexão, a especialidade da charge é abordar fatos ou conhecimentos específicos criticamente, podendo também abarcar os personagens supracitados, especialmente aqueles do campo político.

Conforme Lima (1963), as caricaturas, e, por extensão, as charges de cunho político ou social, raramente proporcionam o riso despreocupado, uma vez que na própria substância desses artefatos gráficos estão motivos para reflexões nem sempre superficiais. Gawryszewski (2008) testemunha que muitos chargistas aceitam o riso em seus trabalhos, mas não têm esse ato humano como objetivo principal, pois entendem a sua produção como luta política engajada. Deste modo, com ajuda da “máscara deformante”, esses artistas criam composições que vão além do mero testemunho da alegria, atingindo o que seria a expressão do rancor diante das situações cotidianas e políticas denunciadas nos desenhos (Gawryszewski, 2008; Lima, 1963).

Por meio de linguagem gráfica exagerada, os chargistas contribuem para “desmistificar e dessacralizar o poder, mostrando líderes e chefes de estado como seres humanos falíveis e, eventualmente, ridículos. Ao mesmo tempo, torna os assuntos políticos menos misteriosos e mais próximos do universo de compreensão do povo” (Motta, 2006, p. 18). Lima (1963) concorda que a caricatura é direcionada ao povo, ao “homem da rua”, e que, por meio da sua linguagem plástica, torna-se mais facilmente apreendida do que o texto verbal. Esse fator, por sua vez, foi determinante na adaptação dessas imagens ao discurso jornalístico, além do fato de funcionarem como acuradas crônicas

político-sociais (Motta, 2006). As charges e caricaturas permitem maior aproximação do grande público em relação à política, pois traduzem “eventos, conflitos e grandes personagens políticos para a linguagem popular, tornando tais temas mais palatáveis” (Motta, 2006, p. 18).

Com o passar do tempo, os grafismos cômicos se destacam nos veículos opinativos, “a ponto de parecer pobre e incompleto um jornal que não contasse com pelo menos um desenhista de humor” (Motta, 2006, p. 19). Observa-se que, comumente, as charges expressam o ponto de vista do periódico sobre os temas em debate, como se exemplificassem a posição política do jornal (Motta, 2006).

Atualmente, pode-se dizer que as charges fazem parte do repertório do design de notícias, área relativamente nova do “design visual, que se utiliza de elementos variados da comunicação visual, como a fotografia, e do design informacional, como a infografia, para possibilitar a melhoria da compreensão da notícia jornalística” (Moraes, 2015, p. 7). O design pode melhorar a produção e entendimento da informação ao apresentá-la da maneira mais adequada a um público específico.

### 3 O jornal Binômio e sua fase humorística

O periódico foi criado em Belo Horizonte no dia 17 de fevereiro de 1952, em um contexto conservador, assentado em convicções da tradicional família mineira. Seus fundadores foram os jornalistas José Maria Rabêlo e Euro Luiz Arantes, que idealizaram um jornal humorístico, politizado e de opinião. Desde os momentos iniciais do jornal, sua postura irreverente era notória, além da vocação para, de certa forma, chocar o leitor, conforme destaca Rabêlo (1997).

O jornal Binômio é considerado uma das influências da imprensa alternativa brasileira, movimento cuja a personalidade e modelo ético foram fundamentados pelo combate político-ideológico à ditadura, por tradições de lutas a favor de mudanças socioestruturais, pela oposição ao lucro e críticas ao sistema capitalista (Kucinski, 1991). Os jornais alternativos compartilhavam elementos estruturais semelhantes, como: o formato tabloide, a periodicidade semanal e a preocupação com o tratamento gráfico (Magalhães & Musse, 2016).

O Binômio representou setores sindicalistas, foi porta-voz dos trabalhadores urbanos e rurais, dos profissionais liberais, bem como de setores progressistas do clero (Rabêlo, 1997). Foram 508 números publicados em Belo Horizonte e 293 em Juiz de Fora, totalizando mais de 15 mil páginas. A quantidade de páginas por edição sofreu mudanças no decorrer do tempo e variou em ocasiões de publicações especiais; entretanto, todas foram impressas no formato tabloide.

A trajetória do jornal foi marcada por três fases distintas, tendo se consolidado como um dos veículos de opinião mais influentes do país entre 1952 a 1964. Na sua primeira fase (1952-1956), conhecida como “fase humorística”, usou o subtítulo *Sombra e Água Fresca*,

evidenciado nas capas conforme a Figura 1. A epígrafe fazia alusão ao programa lançado à época pelo governo estadual, pautado no slogan *Binômio Energia e Transporte* (Rabêlo, 1997). O periódico, de forma a ridicularizar a personalidade boêmia do governador, criou esse que seria o “binômio da verdade”, reflexo da conduta de Juscelino Kubitschek em seu mandato (Nonato & Silveira, 2011).

Vale ressaltar que em seus primeiros momentos, o corpo editorial contava apenas com seus fundadores e uma máquina de escrever (Nonato & Silveira, 2011). Ainda assim, em curto período de tempo, o jornal caiu no gosto do público, e logo conseguiu formar uma notável equipe de contribuintes. Segundo Nonato e Silveira (2011), o corpo de colaboradores chegou a contar com jornalistas, escritores, cronistas, columnistas e chargistas, entre os quais, estiveram Fernando Gabeira, Rubem Braga, Ziraldo e Millôr Fernandes.



**Figura 1** Detalhe em capa do número 3 do Binômio, 1952. Fonte: Hemeroteca Histórica da Biblioteca Pública Estadual de MG.

Como indica Botelho (2000), a criatividade do Binômio durante a primeira fase estava relacionada ao seu modo improvisado de criação, com estratégias realizadas totalmente em equipe, sem pautas pré-definidas nem organização empresarial. Segundo a autora, o jornal, desde o seu princípio, adotou postura “do contra”; “contra a censura ou qualquer outro tipo de tentativa de controle da imprensa; [...] contra os desmandos, a corrupção, as injustiças sociais e os porta-vozes do poder e dos poderosos” (Botelho, 2000, p. 40). Em entrevista concedida em 2019, o próprio José Maria Rabêlo comentou que:

O Binômio era amador, não tinha nenhum profissionalismo, sobretudo na primeira fase, e surgiu como um impulso muito natural contra aquela imprensa sem-vergonha que existia em Minas Gerais, a qual fazia aquilo que o governo mandava, sendo mantida pela publicidade oficial (Rabêlo, 2019).

A postura política bem-humorada fez parte de toda a trajetória do jornal; porém, de acordo com Rabêlo (1997), foi entre 1953 e 1954 que se destacou notadamente. Botelho (2000) reforça que boa parte da bem-sucedida gênese do Binômio é atribuída justamente à grande produção humorística, evidenciada em manchete da edição de 20/02/1953, comemorativa de seu primeiro ano, onde se lê: “300 piadas em vinte números do Binômio”.

Um dos principais nomes do humor no jornal foi o próprio Euro Luiz Arantes, que antes de se tornar um dos fundadores, já acumulava alguma experiência em outras publicações humorísticas. Rabêlo (1997) destaca que a produção de Euro se fez presente em quase todas as edições do Binômio enquanto fez parte da redação, onde seu estilo sarcástico e irreverente foi apresentado em colunas político-humorísticas como *Place Pigalle* e *A História Secreta dos Amores de Nonô*. A *Place Pigalle* surgiu com o intuito de satirizar colunas e colunistas sociais que divulgavam fofocas e coberturas de eventos da elite, pretendendo “glamourizar” vivências da alta sociedade. Já o quinto número do jornal foi marcado pela publicação de *A História Secreta dos Amores de Nonô*, coluna escrita por Euro como uma antibiografia de Juscelino Kubitschek, que ironizava traços conhecidos da personalidade do governador de Minas à época.

O também fundador José Maria Rabêlo fez história com sua produção, composta por diversas manchetes, piadas e entrevistas fictícias. No entanto, a fase humorística contou com diversos outros autores, cronistas e jornalistas, como: Barão de Itararé, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos e Sérgio Porto (Rabêlo, 1997).

A trajetória do Binômio foi interrompida pelas forças repressoras do regime militar em 1964, quando os veículos defensores das reformas de base, fecharam. Foi nessas condições que José Maria Rabêlo tornou-se um dos primeiros jornalistas da linha crítica de contestação ao regime a ser exilado (Kucinski, 1991).

#### **4 As charges políticas no Binômio (1952-1956)**

Uma característica evidente do Binômio durante a fase humorística foi o uso das imagens (charges, fotografias e ilustrações) como forma de ampliar a transmissão de mensagens. Nessa direção, ainda que grande parte do material gráfico tenha sido destruído em depredações realizadas por militares em 1961, e saqueado em abril de 1964, Rabêlo (2019) relata que sua irmã conseguira guardar exemplares de todas as publicações, permitindo, anos depois, doações a instituições de pesquisa. Por consequência, a possibilidade de contato direto com fontes primárias do jornal, juntamente com referências sobre seus elementos gráficos na fase inicial, permitiu o arranjo de material contundente para investigação das charges daquele período.

A questão temporal é importante porque a charge política é “condicionada ao contexto-base no qual se alicerça para constituir sua

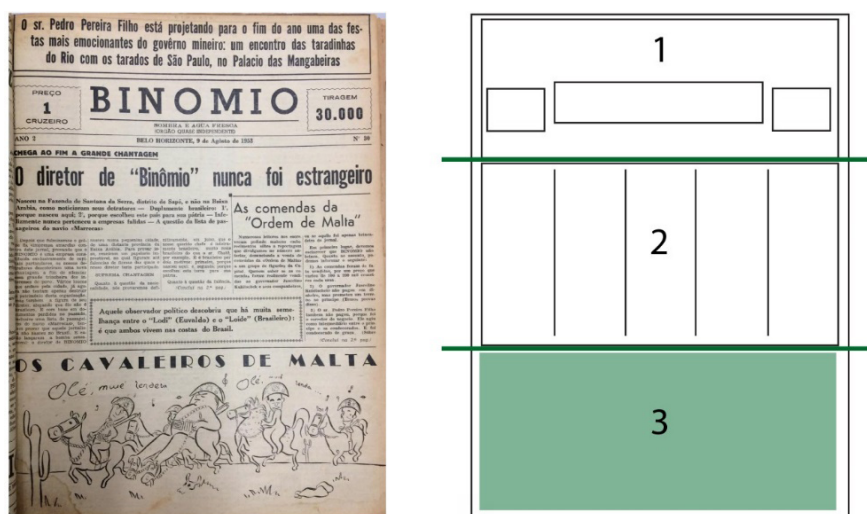
crítica sobre algum fato político” (Silva, 2008, p. 180). Assim, Rabêlo (2019) conta que desde o surgimento do Binômio, seus editores valorizaram as charges enquanto elementos do humor crítico, com reflexos favoráveis na quantidade de obras impressas nas edições. O uso de imagens foi amplamente explorado pelo periódico desde o início, e sempre ocuparam lugar de destaque nas colunas, tanto em posições verticais quanto horizontais.

A capa do número 30 (Figura 2), de 1953, é exemplo de situação comum no tratamento gráfico do Binômio à época, em que se estabeleciam áreas de dimensões semelhantes para a organização de conteúdo com linguagens distintas (*visual e verbal*). O caso em questão revela o equilíbrio por meio da divisão do *layout* em três partes visualmente perceptíveis, que são preenchidas por: (1) manchete e cabeçalho, (2) mancha tipográfica e (3) charge.

Vale destacar que elucidações mais específicas sobre o projeto gráfico-editorial são apresentadas no estudo “O jornal Binômio e seu projeto gráfico durante sua fase humorística no período de 1952 a 1956”, descrito por Carneiro (2022).

Ao consultar documentos originais das edições publicadas entre 1952 a 1956, depositados na Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais, comprovou-se que as charges estiveram presentes em praticamente todas as edições, mantendo média de frequência entre uma a quatro por número. Em algumas edições especiais ou comemorativas, a quantidade era ainda maior, como no caso da edição “fim de festa”, publicada em 9 de janeiro de 1955, na qual foram impressas pelo menos dez charges.

No mesmo material, a identificação da autoria das charges foi prejudicada por fatores como: a falta de assinaturas, baixa legibilidade causada pela qualidade de impressão e escassez de informações mais concretas sobre os nomes. Ainda assim, a investigação dos



**Figura 2** Estudo a partir de capa do número 30 do Binômio, 1953.  
Fonte: Hemeroteca Histórica da Biblioteca Pública Estadual de MG.

documentos e do conteúdo relativo às charges no livro *Binômio Edição Histórica – o Jornal Que Virou Minas de Cabeça para Baixo* (1997), permite afirmar que pelo menos doze nomes distintos foram assinados durante o período estudado, sendo eles: Borjalo, Cotson, Ezio, Hel Rujos, J.B, Joca, Millôr Fernandes, Oldack Esteves, Raf (Rafael Siqueira), Rangel, Ronaldo e Ziraldo.

É importante ressaltar que a maioria desses chargistas direcionaram suas criações para o incentivo à construção de uma consciência política nos espectadores. Por meio de linguagem figurada, os chargistas utilizavam elementos sintáticos, semânticos e visuais no despertar de associações e entendimentos em seu público (Silva, 2008). Em geral, o alvo da fase humorística foi o governo JK e seus aliados, tendo como pano de fundo acontecimentos pontuais relacionados a época do ano, a fatos externos ou internos, que foram retratados por traços que acentuavam aspectos ridículos dos personagens envolvidos (Fonseca, 1999; Gawryszewski, 2018).

Dessa forma, diferentes fatores já mencionados são identificados ao se analisar a charge, de autoria não identificada, publicada na primeira edição do Binômio (Figura 3). Na charge em questão, o sentido proposto pelo slogan do governo mineiro de Juscelino Kubitschek à época, “binômio – energia e transporte” é modificado a partir da relação com o desenho, de teor denunciatório quanto as ações violentas do estado. O primeiro quadro manifesta a forma enérgica com a qual a polícia agride os indivíduos (civis), e o segundo faz referência aquele que seria o meio de transporte símbolo do governo na visão do jornal, o carro da polícia. As palavras “energia” e “transporte” são deslocadas dos significados inicialmente propostos, e novas associações indicam a visão oposicionista do periódico, potencializada pela palavra “também”, que remete à existência de outro binômio, ligado à epígrafe “sombra e água fresca”. Assim, além de fazer referência satírica ao slogan do governo, a charge também apresenta e contextualiza o leitor sobre o nome do jornal, uma vez que se trata da primeira publicação.



**Figura 3** Primeira charge publicada no Binômio, 1952.

Fonte: Hemeroteca Histórica da Biblioteca Pública Estadual de MG.



O estudo da charge anterior revela que, para a apreensão eficaz do seu sentido de humor e crítica, necessita-se conhecimento prévio sobre as características do governo mineiro daquele período, bem como de supostas atitudes violentas praticadas por seus órgãos de segurança. Na visão de Arrigoni (2011), para uma compreensão completa das mensagens manifestadas em charges políticas, os leitores necessitam de conhecimento preliminar acerca do assunto e contexto aos quais ela retrata e se veicula. De acordo com Silva (2008, p. 179), “além da relação entre sentenças e contexto, a percepção também está atrelada aos conhecimentos do leitor, a sua memória discursiva e principalmente a sua capacidade cognitiva de estabelecer associações”.

Ronaldo (Adão Pinho), um dos chargistas colaboradores em momentos iniciais, revelou peculiar assertividade quanto a comunicação de denúncias políticas. Segundo Rabêlo (1997), as composições do artista, que veio a ser um dos grandes nomes da publicidade mineira, causaram grande repercussão na época em que foram divulgadas. Botelho (2000) aponta que um dos episódios de apreensão sofridos pelo jornal, em 23 de novembro de 1952, a mando da primeira-dama Sarah Kubitschek, foi suscitado, entre outros motivos, por conta da divulgação de charge assinada por Ronaldo (Figura 4). A imagem mostra uma “fila de carros cheios de mulheres indo em direção ao Palácio das Mangabeiras, construído por Juscelino e onde se realizavam grandes festas” (Rabêlo, 1997, p. 25).

Ao fazer crítica direta ao comportamento do governador, a visão de Ronaldo sobre os fatos é refletida na caracterização do líder político como um ser derrisório; e, nesse sentido, “tornar uma personalidade pública objeto do riso não é ato fortuito, mas uma ação carregada de implicações políticas” (Motta, 2006, p. 19). Deste modo, as estratégias compositivas utilizadas na imagem também potencializam a compreensão da mensagem pelo público, com destaque ao título da charge, alusivo ao poema *Vou-me embora pra Pasárgada*, de Manuel Bandeira. O poema discute a fuga de um indivíduo para outra realidade, Pasárgada, que seria um lugar de deleite e liberdade, onde se pode fazer tudo aquilo que se almeja na vida real. Ao colocar Juscelino Kubitschek nessa situação, a charge denuncia que enquanto



**Figura 4** Charge assinada por Ronaldo publicada no Binômio em 1952.  
Fonte: Rabêlo (1997, p. 144).

a população enfrentava problemas reais no dia-a-dia, o governador tinha outras preocupações. A composição apresenta o líder político de forma a desacreditá-lo e desmoralizá-lo, com o propósito de promover tanto o efeito cômico quanto o de crítica (Motta, 2006).

Ronaldo também assinou outra notável obra (Figura 5), tida como uma das charges mais prestigiadas do Binômio. Segundo Rabêlo (1997), a composição foi realizada a pedido dos editores, que precisavam de uma imagem referente à fama de degenerado do influente banqueiro Antônio Luciano. O empresário foi personagem assíduo nas edições do periódico, único veículo da imprensa que o tratava como malfeitor, responsável por atividades marginais. Publicada em 28 de setembro de 1952, ocupando quase metade da primeira página, a charge de título “Belo Horizonte cresce”, retratava duas filas de moças diante do prédio do Banco Financial da Produção e do Hotel Financial, pertencentes ao banqueiro (Rabêlo, 1997). A cena representada na charge indica que as moças adentravam o prédio segurando bolsas, e o deixavam com um bebê no colo.

Diante dos dois exemplos anteriores, faz-se interessante ressaltar o papel paradoxal da charge (Fonseca, 1999). Ao explorar a inconformidade diante dos acontecimentos político-sociais, os chargistas não se eximem de ambivalências e contradições. A maneira um tanto conservadora com que as charges assinadas por Ronaldo versam sobre os acontecimentos, principalmente quando se trata das mulheres em ambas situações, é exemplo deste caráter moralista, comum a quase todos os cartunistas, segundo Fonseca (1999).

Por outro lado, o trabalho realizado por Ronaldo evidencia a charge como ferramenta utilizada por veículos de imprensa capaz de intensificar traços jocosos atrelados ao discurso jornalístico (Silva, 2016). A partir da provocação do riso, mesclada à uma dose de opinião crítica, a charge estimula a consciência do receptor, que pode concordar ou não com o que está sendo transmitido (Arrigoni, 2011; Silva, 2016).

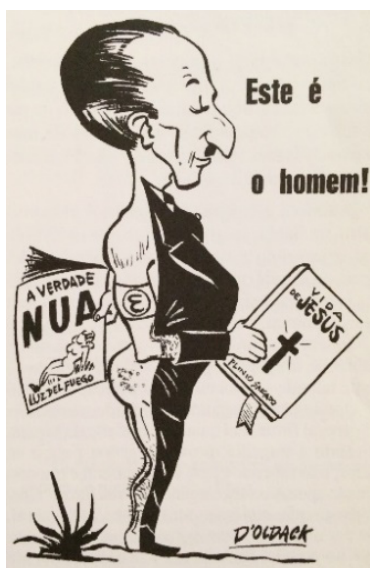


**Figura 5** Charge assinada por Ronaldo publicada no Binômio em 28 de setembro 1952. Fonte: Rabêlo (1997, p. 142).

Nessa perspectiva, a exemplo da obra “A caminho de Pasárgada”, outro destaque na formulação do discurso das charges é o uso da linguagem verbal, em títulos ou pistas contextuais, como fator incentivador na transmissão de mensagens. Segundo Arrigoni (2011), os elementos linguísticos são utilizados com o objetivo de otimizar o entendimento da informação vinculada ao desenho. Motta (2006) corrobora que os elementos verbais funcionam como guias de leitura, que dirigem o olhar no sentido da compreensão desejada. O autor complementa que, sem os títulos e as legendas algumas caricaturas se tornam confusas, dificultando a compreensão do leitor.

Oldack Esteves, um dos mais importantes chargistas do Binômio, aplicou a justaposição de imagem e texto em muitos dos seus projetos. Em trabalho publicado em 1955 (Figura 6), o chargista representou Plínio Salgado, candidato à presidência do Brasil na época, em situação no mínimo constrangedora. Segundo Rabêlo (1997), os editores do Binômio descobriram que o candidato integralista havia assinado o prefácio do livro *A Verdade Nua*, relacionado à uma famosa dançarina nudista conhecida como Luz del Fuego. Este fato identificou a contradição daquele que era um dos pensadores moralistas mais lidos do período, com a sua obra *A Vida de Jesus*.

Neste caso, o uso da linguagem verbal em “este é o homem” e nos títulos dos livros, juntamente com elementos e traços visuais, revelam certas características que norteiam o leitor ao entendimento da mensagem, ainda que de forma parcial, ao assimilar a existência de paradoxos ou contradições vinculadas ao indivíduo representado. O exemplar, de qualidades caricaturais, acentua, por meio da seleção criteriosa de detalhes e pistas contextuais, um aspecto ridicularizante da trajetória de Plínio Salgado (Fonseca, 1999). Segundo Silva (2008), carregada de crítica, sobretudo negativa sobre a vida política, esse tipo de charge desconstrói qualquer possibilidade de imagem agradável construída por candidatos.



**Figura 6** Charge de Oldack publicada no Binômio em 1955. Fonte: Rabêlo (1997, p. 29).

Tais elementos, por sua vez, são perceptíveis nas produções de Borjalo (Mauro Borja Lopes), que, de acordo com Rabêlo (1997), foi o primeiro nome mineiro a se destacar no campo da charge. O artista, que foi colaborador do Binômio, também publicou na revista Manchete e no jornal Diário de Minas, além de ter sido editor de qualidade da Rede Globo. Fonseca (1999, p. 256) aponta que Borjalo “causou em sua época verdadeira revolução no cartunismo brasileiro por seu desenho de humor sem palavras, moderno e despojado”. Teve suas obras distribuídas pela agência internacional APLA, sendo publicadas no *Picture Post* da Inglaterra, no *New York Times*, *Washington Post*, *Sport Life* e *Stag* dos Estados Unidos, e diversos outros países (Fonseca, 1999).

Em meio aos trabalhos que realizou durante a fase humorística do jornal, a criação dos “personagens do Binômio” (Figura 7) se destacou pelo teor caricato atrelado a diferentes figuras da esfera política, dentre os quais estavam, segundo Rabêlo (1997):

[...] o banqueiro tarado Antônio Luciano, dono do Banco Financeiro da Reprodução [da Reprodução]; o chefe de polícia Luiz Soares da Rocha; o prefeito de Belo Horizonte Américo Gianetti e o problema da falta d’água; o pé-de-valsa JK; o comilão Starling Soares, secretário de Segurança, e Pedrinho Pereira, o controvertido chefe do Cerimonial (Rabêlo, 1997, p. 110).

As qualidades comportamentais desses personagens eram representadas caricaturalmente, com base em elementos de verossimilhança, evidentes em outra charge de Borjalo, de 1953, que expõe sua interpretação da notícia ‘As comendas da Ordem de Malta’ (Figura 8). Tratava-se de uma denúncia sobre a ação questionável



**Figura 7** Personagens do Binômio por Borjalo, 1952. Fonte: Rabêlo (1997, p. 110).



**Figura 8** Charge de Borjalo, publicada em 1953. Fonte: Hemeroteca Histórica da Biblioteca Pública Estadual de MG.

de alguns dos “companheiros” mais próximos ao governador Juscelino, que teriam comprado condecorações por meios indevidos.

## 5 Considerações finais

O estudo aqui apresentado mostrou-se um importante aliado no resgate de parte da trajetória do jornal mineiro Binômio, especialmente durante a sua fase inicial, entre 1952 a 1956, conhecida como a “fase humorística”. Pôde-se observar o papel de destaque dado às charges políticas, artefatos gráficos essenciais para a compreensão da postura crítico-oposicionista do jornal à época.

As charges foram amplamente divulgadas no Binômio, sobretudo como ferramenta capaz de encapsular traços do seu posicionamento denunciatório. Tendo a atuação do governo estadual no período como principal foco das suas abordagens, as charges políticas desvelaram situações socialmente inaceitáveis na visão dos chargistas, que representaram o governador Juscelino Kubitschek e vários dos seus aliados, como grandes empresários, figuras políticas e altos funcionários do governo, de forma jocosa e derrisória.

A partir das imagens que ilustram este trabalho, constatou-se que o jornal usou a comunicação simples e incisiva da charge como recurso na transmissão dos seus ideais à um grande número de pessoas, democratizando o acesso a informações de cunho político-social. Deste modo, com base em referencial teórico específico sobre a caricatura, foi possível estabelecer associações entre a linguagem visual e discurso jornalístico, de forma a evidenciar a charge enquanto crônica política capaz de representar conflitos e personagens assertivamente.

O Binômio, com sua personalidade irreverente, se diferenciou dos veículos da tradicional imprensa do período, fazendo com que os detentores do poder o enxergassem como uma ameaça. Em 1964, o incômodo que o periódico causava nesses setores da sociedade se concretizou diante do golpe militar, quando foi impedido de continuar suas atividades.

A charge, no caso deste trabalho, ajudou a compreender não a realidade de uma época, mas como o jornal Binômio, auxiliado por seus colaboradores, representou em suas composições o que Minas Gerais vivia em termos políticos. Como resultado, tem-se um jornal único, de material histórico relevante para a memória gráfica brasileira, sobretudo ao considerá-lo como um dos precursores da imprensa moderna no país.

## Agradecimento

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. Os autores agradecem o depoimento oral concedido pelo jornalista e fundador do Binômio, José Maria Rabêlo (*in memoriam*).

## Referências

- Arrigoni, M. d. (2011). Debatendo os conceitos de caricatura, charge e cartum. In *Anais do Encontro nacional de estudos de imagem*, III Encontro Nacional de Estudos da Imagem, maio de 2011, Londrina.
- Botelho, N. M. (2000). *Sociedade, linguagem e jornalismo: o humor do “Binômio” nos anos 50 e 60*. 2000, 138 f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa.
- Carneiro, A. M. (2022). O jornal Binômio e seu projeto gráfico durante sua fase humorística no período de 1952 a 1956. In M. C. Braga, M. G. Almeida, & M. R. A. Dias. *Histórias do design em Minas Gerais II*. Belo Horizonte: EdUEMG, pp. 367-401.
- Farias, P. L., & Braga, M. C. (2018). *Dez ensaios sobre memória gráfica*. São Paulo: Blucher.
- Fonseca, J. d. (1999). *Caricatura: A imagem gráfica do humor*. Porto Alegre: Artes e Ofícios.
- Gawryszewski, A. (2008). Conceito de caricatura: Não tem graça nenhuma. *Domínios da Imagem*, 1(2), 7-26.
- Gawryszewski, A. (2018). Carnavalização da política ou politização do carnaval: Carnaval carioca por meio das charges (1930-1937). *Fronteiras*, 20(35), 14-45.
- Kucinski, B. (1991). *Jornalistas e revolucionários: Nos tempos da imprensa alternativa*. São Paulo: Editora da USP.
- Lima, H. (1963). *História da caricatura no Brasil*. Vol. 1. Rio de Janeiro: José Olympio.
- Magalhães, P. G., & Musse, C. F. (2016). O “Sete”: Humor como forma de resistência – Análise de um jornal alternativo da cidade de Juiz de Fora. In *Anais do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. São Paulo: Intercom.
- Moraes, A. (2015). *Design de notícias: A acessibilidade do cotidiano*. São Paulo: Blucher.
- Motta, R. P. S. (2006). *Jango e golpe de 1964 na caricatura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

- Nonato, A., & Silveira, M. (2011). A trajetória do Binômio, um jornal “quase independente. *Interin*, 11(1), 1-13.
- Rabêlo, J. M. (1997). *Binômio edição histórica: O jornal que virou Minas de cabeça para baixo*. Belo Horizonte: Armazém das Ideias, Barlavento.
- Rabêlo, J. M. (2019). *Sobre o jornal Binômio*. (Entrevista concedida a A. M. Carneiro, em 01 de Julho de 2019) Belo Horizonte.
- Silva, P. (2008). *A intencionalidade discursiva: Estratégias de humor crítico usadas na produção de charges políticas*. 2008, 122 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Silva, P. (2016). Estratégias de humor crítico na produção de charges políticas e contribuições para o ensino de gêneros textuais e discursivos. *Research, Society and Development*, 2(2), 151-161.

### **Sobre os autores**

#### **André Matias Carneiro**

deco.matias@gmail.com

Universidade do Estado de Minas Gerais

Belo Horizonte, MG

#### **Maria Regina Álvares Correia Dias**

regina.alvares@gmail.com

Universidade do Estado de Minas Gerais

Belo Horizonte, MG

Artigo recebido em/*Submission date*: 28/8/2020

Artigo aprovado em/*Approvement date*: 13/4/2022